CORREIO
NO MUNDO

MINISTÉRIO DA MÍDIA DA ARÁBIA SAUDITA

Rebeldes pró-Irã voltaram a lançar mísseis e drones

Aeroporto da capital da Arábia Saudita fecha após ataques houthis

Após ser alvejado duas vezes no fim de semana por rebeldes houthis do Iêmen, o aeroporto da capital da Arábia Saudita ficará fechado pelo menos até o próximo sábado (17). Novos ataques com drones e mísseis atingiram o reino nesta segunda-feira (12), mas até aqui não há relato de danos ou vítimas. No sábado (10), um míssil atingiu em cheio a área de embarque do aeroporto Rei Khalid, em Riad, o segundo mais movimentado do país depois do terminal de Jedá. Ao menos 13 pessoas morreram e 309 ficaram feridas. No dia seguinte, outro projetil lançado pelos rebeldes apoiados pelo Irã causou um incêndio no aeroporto, matando uma pessoa. São as ações mais contundentes contra a Arábia Saudita desde 2019, quando os houthis também lançaram uma onda de ataque. Naquela ocasião, contudo, os alvos principais eram refinarias e estações de bombeamento de petróleo do segundo maior produtor da commodity no mundo.

Guerra pode cancelar GPs da Fórmula 1

Riad apoia o governo reconhecido internacionalmente do vizinho Iêmen, que foi expulso da capital Sanaa pelos houthis em 2014. Esses ataques à capital da Arábia Saudita põem em risco a realização das etapas do Qatar e de Abu Dhabi da Fórmula 1. Apesar dos GP's terem sido confirmados pelo CEO da F1 para acontecerem ao fim da temporada, o risco à segurança dos pilotos, equipes e torcedores aparece como fator preponderante para o provável cancelamento dessas etapas do campeonato mundial de 2026.

GETTY IMAGES / RED BULL CONTENT POOL

GP de Abu Dhabi pode ser cancelado devido à guerra na região

Guerra assusta passageiros internacionais

"As pessoas estão com medo. Eu mesmo ia pegar um voo no sábado, mas não fui ao aeroporto quando recebi um aviso pelo celular. Nunca vimos algo assim", afirmou por mensagem de texto o empresário Mohammad, que pediu para não ter o sobrenome divulgado. Ele tem um escritório de importação com negócios no Brasil e outros países da América Latina, e disse estar preocupado com o impacto que a guerra terá no plano do governo saudita de firmar-se como uma alternativa aos dinâmicos Estados do Golfo Pérsico como centro empresarial.

Cancelamento de voos preocupa aeroporto

Um exemplo foi visto já na segunda (12), segundo dia de uma grande conferência de executivos de empresas petrolíferas em Riad. O evento está esvaziado de empresários ocidentais devido à campanha houthi contra o aeroporto da capital e outras cidades, que começou na semana passada. Diversas empresas aéreas suspenderam seus voos para Riad, como a alemã Lufthansa, a francesa Air France e a americana Delta.

Ministro da Energia

Monitores de tráfego aéreo mostram que aviões sobrevoando o reino estão usando rotas mais ao norte, longe da área conflagrada. Na segunda, o ministro da Energia do país, príncipe Abdulaziz bin Salman, afirmou que o reino não irá se curvar às dificuldades. "O desenvolvimento do nosso setor de energia continua", afirmou durante o evento.

Temor recorrente

Segundo Mohammad, não há mudanças de comportamento perceptíveis em Riad, com os cafés da região central e shoppings frequentados normalmente. Mas temor de ataques é assunto corrente, ainda que haja regras estritas para evitar a circulação de informação: nesta segunda, dois americanos foram presos por terem filmado o incidente no aeroporto.

Contexto maior

Segundo os houthis, os ataques desta segunda foram novamente contra o aeroporto de Riad e contra uma base no sul do país. O governo saudita não os comentou, mas afirmou antes que havia derrubado um míssil balístico que se dirigia à capital. A crise se instalou com a nova etapa na guerra civil do Iêmen, que se insere na guerra entre EUA e Irã.

Relembre o conflito

O conflito foi iniciado em fevereiro por Donald Trump com apoio de Israel e por ora congelado. Nele, os sauditas chegaram a ser alvejados por Teerã, mas não retaliaram. Após um bloqueio aéreo a Sanaa em julho, os houthis romperam a trégua informal vigente desde 2022, reabrindo os combates. Em setembro, tomaram a costa do mar Vermelho do país.

Ofensiva de governos

Desde que estreito de Hormuz, no Golfo Pérsico, foi virtualmente fechado pela guerra no Irã, Riad passou a exportar seu petróleo pelo terminal de Yanbu, do outro lado da península Arábica. Há duas semanas, o governo iemenita e os sauditas foram à ofensiva, retomando pontos da costa.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Papa Leão XIV está bem

O Vaticano informou nesta terça-feira (13) que a cirurgia para removação do nódulo pulmonar do Papa Leão XIV foi um sucesso.
"A intervenção foi concluída positivamente, no tempo e no modo previstos, e o Santo Padre já voltou para o quarto", disse nota divulgada pouco antes da 20h (15h em Brasília).

CASA BRANCA

Relações entre Volodimir Zelenski e Donald Trump estão estremecidas

Kiev não recebeu alerta de ataque russo dos aliados, diz Zelenski

Queixa ocorre após relatos de que Trump ameaçou cortar ajuda ao país

Por **Igor Gielow (Folhapress)**

O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, afirmou nesta terça (13) que seu país não recebeu "aviso prévio de nossos aliados" acerca de um ataque com cinco mísseis balísticos russos que atingiu Kiev nesta madrugada. A afirmação ocorre após diversas reportagens na imprensa americana e europeia relatarem que os Estados Unidos haviam ameaçado cortar o fornecimento desse tipo de informação caso Zelenski não cessasse os ataques a refinarias russas.

A repórteres, o presidente Donald Trump disse que "nós estamos ajudando e compartilhando inteligência".

O compartilhamento de informações coletadas por satélites, sensores em estações terrestres e em aviões é um ponto central da ajuda ocidental a Kiev no conflito. Mesmo tendo suspendido o apoio militar e financeiro direto, Trump havia mantido esse fluxo.

França e Reino Unido, entre outros, também auxiliam os ucranianos, mas não têm a capacidade dos americanos. Esses dados permitem que a Ucrânia mantenha serviços de aviso por celular e na internet acerca da movimentação de bombardeiros russos e de lançamento de mísseis balísticos, gerando alertas em tempo real.

De forma separada, num evento de segurança em Varsóvia, o chanceler ucraniano, Andrii Sibiha, disse que "essa cooperação continua", em resposta a repórteres acerca da ameaça americana. Seja como for, o ruído entre as autoridades explicita o confuso estado das coisas na guerra iniciada por Vladimir Putin em 2022.

No domingo (11), Trump havia anunciado um cessar-fogo nos ataques mútuos ao sistema energético dos rivais. Antes, na sexta (9), o americano havia fechado um acordo para a compra de diesel russo após um telefonema com Putin. O arranjo enfureceu Zelenski, que desde o primeiro semestre tem apostado numa bem-sucedida campanha de ataques com drones e mísseis a refinarias russas, que geraram uma crise de abastecimento no vizinho e obrigaram Putin a suspender a exportação de diesel e gasolina.

A Rússia descartou nesta terça que o acordo tenha correlação com seus objetivos na Ucrânia. "Não há nenhuma conexão direta aqui. Na realidade, esta é uma área de cooperação russo-americana mutuamente benéfica", disse porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov. Já Trump desconversou sobre o tema, dizendo que o acordo irá beneficiar outros países.

Além de Kiev, houve ataques a outras 17 localidades. Em Kharkiv, segunda maior cidade do país, ao menos quatro pessoas morreram. No mar Negro, dois navios foram atingidos perto da costa da Bulgária, provavelmente transportando grãos ucranianos. Um deles afundou, e há 11 desaparecidos.